

Wilhelm Weischedel, filósofo e teólogo alemão, nascido em 1905, em Frankfurt e falecido em 1975, em Berlim, graduou-se em Filosofia, História e Teologia Evangélica na Universidade de Warburgo. Sob orientação de Heidegger doutorou-se em Filosofia em 1932, na Universidade de Friburgo. Porém, diferentemente de seu mestre, recusou-se a lecionar durante o período nazista, trabalhando até o final da 2ª Guerra Mundial, como comerciante. Terminada a guerra, lecionou Filosofia em Tübingen (1945-53) e na Universidade Livre de Berlim (1953-70), onde foi professor titular até se aposentar.

Dedicou-se à problemática das questões de Estética, Ética, História da Filosofia e Metafísica. Foi organizador das obras completas de Kant — uma das principais edições e das mais utilizadas pelos estudiosos da Filosofia do mestre alemão.

Autor de várias obras: **A profundidade na face do mundo: esboço de uma metafísica da Arte** (1952); **Direito e Ética** (1956); **Pensamento e fé** (1965); **O Deus dos filósofos** (1972) e **Ética cética** (publicação póstuma em 1976).

A presente obra — **A escada dos fundos da Filosofia** — deve sua origem ao sucesso que alcançou uma outra obra sua de 1966 — **Doze biografias de Filósofos** — o que o levou a triplicar o conteúdo para o estudo do pensamento de 34 grandes filósofos, através da história. A apresentação do livro e do autor é feita por Nicolau Sevcenko, professor da USP: “Uma introdução desprezível, acessível e agradável à cidade dos autores,... entrar no recinto dos filósofos pela porta dos fundos, sem se preocupar com apresentações cerimoniais ou etique-

**WEISCHEDEL, Wilhelm. A escada dos fundos da Filosofia. A vida cotidiana e o pensamento de 34 grandes filósofos. 2 ed. Trad. Edson Dognaldo Gil. São Paulo: Angra, 2000. 336 p.**

tas complicadas... a imagem da escada é muito feliz, porque sugere um caminho de duas vias: pode-se subir e adentrar a um mundo novo e deslumbrante... para depois trazer os melhores bocados dele cá para baixo" (p. 13).

No prólogo, o autor afirma que "a escada dos fundos não é a entrada usual de uma casa: sóbria, nua e pouco descuidada, não é tão clara, limpa e solene como a entrada da frente; mas em compensação, para subir por ela, não é preciso vestir-se especialmente; pela escada dos fundos também se chega ao mesmo destino da escada da frente: às pessoas que moram lá em cima" (p. 15). Para esta visita aos filósofos, "sobe-se tal qual se é", "cada um se apresenta tal qual é" e, mais importante, "encontram-se os filósofos assim como eles são" e como afirma o autor, "evita-se o perigo peculiar da escada da frente: adornos e distrações que, inexistentes na escada dos fundos, às vezes conduzem com mais rapidez ao destino" (p. 16). Percorrendo todos os períodos da História da Filosofia, desde seu nascimento até nossos dias, em seus dois milênios e meio de vida, os capítulos não são numerados; mas após o nome de cada filósofo, o autor coloca um subtítulo indicativo da característica básica de cada pensador.

Tales é apresentado como "o precursor da Filosofia, uma vez que perguntar pela essência e pelo fundamento é, desde então e até hoje, o objetivo central da filosofia" (p. 20). Sobre Parmênides e Heráclito (os gêmeos espirituais opostos), afirma que, enquanto o primeiro ensinou o eterno SER, proferindo em versos seus pensamentos filosóficos, o segundo notabilizou-se como filósofo do vir-a-ser, partindo da "observação de

que os contrários se transformam, continuamente, uns aos outros" (p. 33). O que Sócrates procura é a verdade. "Perguntar significa ter a coragem de suportar também o amargor da verdade" (p. 40)... "cabe ao homem conhecer realmente a si mesmo" (p. 38).

Em Platão, a filosofia é identificada como "o caminho do entusiasmo, pelo qual o homem, já durante sua existência terrena, pode alcançar de novo, a pura contemplação da essência" (p. 56). Aristóteles firma-se como o fundador da ciência ocidental "Entrega-se totalmente às coisas e sua investigação. Sobre tudo, pergunta sobre o Homem: como este pensa e age e como deve pensar e agir" (p. 63)... "distinguindo-se do animal pelo espírito e razão — o *lógos*" (p. 65).

A Epicuro e a Zenão atribui-se a felicidade sem dever e o dever sem felicidade. "Fundadores da visão do mundo epicurista e da estoica respectivamente, são literalmente antípodas: enquanto para Epicuro, o prazer é a origem e o fim da vida feliz" (p. 69/70), Zenão aponta para o sóbrio: "acima de tudo está o pensamento do dever; cumprir o dever significa obedecer à voz Divina no interior" (p. 78).

Fala de Plotino e as visões do extático, cuja origem de sua filosofia está no ímpeto para evitar o mundo por causa do tédio provocado pelas coisas terrenas" (p. 81). "Como a alma descende de Deus, aspira necessariamente a Ele, pondo-se a caminho de volta para sua origem" (p. 85), cujo regresso é efetuado em vários níveis. Agostinho, o maior filósofo cristão do mundo ocidental, percorreu várias etapas e escolas filosóficas antes de sua conversão: ecletismo, maniqueísmo, ceticismo, neoplatonismo

mo; em sua filosofia cristã, “a pergunta pelo Homem e por Deus combinam-se no único grande problema: quero conhecer Deus e a alma” (p. 91). Anselmo traz como subtítulo o Deus demonstrado. É o “pai da Escolástica”, por relacionar fé e razão; seus pensamentos: “fé que busca a compreensão”... “jamais poderia compreender se não cresse”, foram sintetizados no princípio fundamental “eu creio a fim de que eu compreenda” (98/99).

**Tomás de Aquino**, na tentativa de uma nova fundamentação da filosofia e teologia cristãs, elaborou “uma síntese da razão natural (espírito grego) e da fé (experiência cristã); mas de tal modo que, a razão se subordina à fé, para só então, justamente a seu serviço, poder se desenvolver plenamente” (p. 105). O caminho místico de Mestre Eckhart passa, primeiro, pela abnegação (“desprender-se de todas as coisas é uma tarefa para cada homem”). Este primeiro nível é seguido de um segundo nível representado pela auto-renúncia (“ter-se soltado a si mesmo”) estágios tais que “levarão o homem à serenidade, à quietude da alma por ter-se desprendido de si mesmo” (p. 115). Nicolau de Cusa é o nomenclador de Deus. “Seu traço essencial é que só permite falar de Deus mediante afirmações negativas” (p. 128). Após fracassar todo empenho de apreender Deus, seja no pensamento filosófico, seja na teologia negativa, seja na nostalgia, seja na visão mística, admite a possibilidade de entrar em contato com Deus através da Revelação.

**Descartes**, o fundador da filosofia moderna, “com enorme audácia empreende uma nova fundamentação radical da Filosofia” (p. 135), baseada na dúvi-

da universal que o sujeito experimenta sintetizada na célebre máxima: “Cogito, ergo sum.” Em Pascal é apontada a razão crucificada (“conhecer a si mesmo” é sua divisa). “O verdadeiro estudo que cabe ao homem” (p. 144). Ser de contradição, a “grandeza do homem reside em reconhecer-se miserável: quer ser grande, feliz e perfeito, e se vê pequeno, miserável e imperfeito” (p. 147). **Espinoza**, o pensador na história da Filosofia, a que se infligiu mais injúrias, foi todavia, o mais solitário, retraído, modesto e silencioso. Defensor da liberdade de pensamento, “o traço fundamental de sua filosofia é a tendência amorosa para o eterno; com base na experiência do sofrimento da transitoriedade e o repouso nesse amor” (p. 158).

**Leibniz**, o quebra-cabeça das mônadas, a criança-prodígio que aprende latim sozinho, entra para universidade aos 15 anos, recusa a cátedra aos 21, atua como conselheiro político, promove reunificação das igrejas separadas, fomenta fundação de academias. Sua “contribuição filosófica é o desenvolvimento de uma monadologia (monás é palavra grega para unidade)” (p. 167-168). **Voltaire**, homem das luzes e da clareza, difamado e proscrito, mas por quase toda uma geração é senhor espiritual da Europa, o grande subversivo. Dele se diz que “aquilo pelo que combate é a liberdade de pensamento, é a tolerância, a paz, a felicidade dos homens e a abolição da injustiça e da opressão” (p. 175). De **Rousseau**, afirma que “parte da observação de si mesmo, não leva em consideração nenhum preconceito, vai diretamente ao encontro da verdade sem se preocupar com as verdades aparentes que tem de sacrificar a cada passo; preocupa-se com

o modo pelo qual a natureza do homem pode conciliar-se com a existência em sociedade, com o Estado e com a necessidade da educação” (p.184-185).

Hume afirma que a tarefa filosófica central consiste em “resolver todas as representações em impressões sensíveis imediatas porque as impressões dos sentidos constituem sozinhas, a base para todo conhecimento verdadeiro e, simultaneamente, seu único objeto imediato” (p. 198).

Kant, adepto de rigorosa auto-disciplina, representa, ao lado de Descartes, um marco na História da Filosofia: “depois de Kant, não se pode mais filosofar como antes” (p. 207), pois “filosofar não significa encontrar respostas e aquietar-se, mas fazer sempre de novo, as perguntas essenciais” (p. 211). O pensamento de Fichte demarca o início do idealismo alemão, para o qual a realidade do mundo só nos é dada em nossas representações. Estas não são criadas pelo mundo e sim produzidas por nós mesmos; essa supervalorização do “eu humano” o transforma num “Eu absoluto” (p. 222). Schelling, pensador controvertido que, com apenas 20 anos, lança um projeto filosófico atrás do outro, é chamado “o primeiro pensador da Alemanha” (p. 225). Defende que “justamente no Eu humano e finito está o ponto de partida absoluto de toda filosofia, o que levará a contemplar o eterno em nós” (p. 228). O pensamento de Hegel é “uma filosofia vital, que surge das perguntas concretas da existência e que, tal como se desenvolveu num sistema, converteu-se na última grande metafísica do espírito ocidental. Dedicou-se a recuperar a unidade do homem total”(p. 239), “a conceber tudo como

manifestação do único absoluto, a considerar a realidade do ponto de vista do real propriamente dito, do Absoluto. A Filosofia torna-se assim ciência absoluta” (p. 241). Referindo-se a Schopenhauer, o autor caracteriza sua filosofia com os termos “melancolia e desconso-lo”. O pessimismo do filósofo refere-se em especial à história de sofrimento. Essa visão da realidade é o ponto de partida também de seu pensamento filosófico. Diz textualmente, “o espanto que conduz à filosofia, surge evidentemente, da observação da desgraça e do mal do mundo” (p. 253).

Kierkegaard, o espião de Deus, é o filósofo que investiga apaixonadamente a existência humana, analisando as etapas do caminho da vida: a estética (contemplação e gozo), a ética (escolha e decisão), a religiosa (conscientização e auto-realização). Feuerbach — o Homem como criador de Deus — não coloca o ponto de partida da Filosofia em nenhum princípio Divino, mas apenas no homem, e mais, no “homem tal como ele se encontra na existência concreta” (p. 270). “Escavando fundo no abismo da alma humana, descobre... que Deus é a realização da fantasia, do impulso do homem para a felicidade” (p. 273).

Marx, poeta nato, estudante de Direito, Filosofia e de História, é como redator de jornais que se ocupa com problemas concretos de natureza política e econômica. Exilado na Holanda e Inglaterra, funda o primeiro partido comunista do mundo, redige o “manifesto comunista”, ideário do futuro movimento comunista, que pretendia pela superação da propriedade privada, a “verdadeira dissolução do antagonismo entre o homem e a natureza e entre os

homens” (p. 283). Nietzsche, aluno brilhante (filologia clássica), aos 25 anos desenvolve fecunda atividade docente na Universidade de Basileia; vive em seguida como “fugitivo errante” pela Europa, para entrar em colapso físico e mental aos 45 anos. Seu “pensamento tem profunda ligação com sua vida. O espírito passa por 3 metamorfoses: a) Reverência e Tradição (camelo), b) Fragmentação e Liberdade (leão), c) Nova Fé e Inocência (criança)” (p. 289). Tudo, obedecendo a tarefa de “preparar o momento de suma autoconsciência da humanidade” (p. 290) ... e conduzir a “uma transvaloração de todos os valores (verdade, moral, religião)” (p. 292) e “na idéia do eterno retorno: tudo que já foi, retorna” (p. 293). Jaspers, o “praeceptor Germaniae”, anunciava, na cátedra, as convicções elaboradas em reflexões solitárias: “não existe nenhuma questão da filosofia que seja desvinculável do homem” (p. 296). “Só pode filosofar sobre e para o homem, quem for ele mesmo movido pelo cuidado com o homem” (p. 297). A filosofia consiste em “cuidar de nós mesmos, contra as ameaças de nossa época: a técnica e a existência massificada, a dispersão em plena marcha e a desumanidade das condições da vida” (p. 297-298), pois só a “fé filosófica na transcendência é a necessária origem de todo filosofar genuíno” (p. 303). Heidegger, o camponês da Floresta Negra, professor e conferencista afirma que “o pensamento não deve permanecer em si mesmo, mas tem de intervir na existência, transformando-a” (p. 306). Sua pergunta central é: o que é o ser? A resposta “não se baseia num conceito abstrato de homem, mas no homem concreto empírico e no seu

auto-entendimento e auto-experiência” (p. 307)... “de seu ser-no mundo e de seu ser-com-outros” (p. 308)... “ser lançado à morte e detido na angústia do nada” (p. 309). De Russel diz-se que três paixões determinaram sua vida: o anseio pelo amor, o ímpeto pelo conhecimento e a compaixão pelo sofrimento (p. 315). Preocupado com problema de certeza, procura acesso à filosofia pela matemática (segurança na reflexão) e pela lógica (axiomas reduzidos a princípios lógicos) e pela “ética, nem dogmática, nem subjetiva, de como o homem deveria ser, mas do homem como ele é” (p. 321-322). As “exigências éticas concretas: o amor e não ódio, colaboração e não concorrência, paz e não guerra” (p. 322), caracterizaram-no como pacifista: “aquilo que o mundo mais necessita para ser feliz é a compreensão” (p. 323).

Wittgenstein, nas seis décadas de sua vida, passou por estudos de engenharia e aeronáutica e por profissões diversas (jardineiro num mosteiro, professor primário de aldeia) até o doutorado e a cátedra em Cambridge. Afirmava que “o fim da filosofia é o esclarecimento lógico dos pensamentos: tudo que pode ser pensado e pronunciado, pode ser pensado/pronunciado claramente” (p. 329). Encerra seu célebre *Tractatus logico-philosophicus* com a não menos célebre frase “sobre o que não se pode falar, deve-se calar” (p. 330).

No epílogo, ou Subida e Descida, a partir da frase enigmática de Heráclito, “caminho acima, abaixo: o mesmo” (p. 335), o autor tece várias considerações finais sobre a escada dos fundos da Filosofia: a) a escolha aleatória dos 34 pensadores e não outros, poderá ser crítica-

da pelos leitores, o que mostra o sinal de imperfeição da obra; b) a aproximação, apesar de incompleta, abre novas possibilidades de se “abordar o que de grande aconteceu na História da Filosofia” (p. 335); c) a sedução provocada pela subida deve ser seguida da respectiva descida, resguardando “os insights fecundos para o andar térreo da vida co-

tidiana, como também para o porão da realidade” (p. 335); d) a constatação inegável de que “seria impossível atingir a perfeição na Filosofia, se ela nunca e em parte alguma é alcançada na existência humana” (p. 335).

Maria Helena Grohmann  
Rodrigues de Paula